

A MORTE DA ARTE

Adaptação da obra Gênio e Cultura de Huberto Boccioni
por Glória Teixeira

As três personagens representam a complexa condição humana. Por um lado, o artista que simboliza a própria manifestação da arte - o bem, o belo, a ética e a estética, além, de simbolizar o homem honesto, batalhador, do bem. Do outro lado o crítico, que simboliza a questão do mau caráter - o homem que não tem princípios, que impõe barreiras para a manifestação do bem – no caso, a arte; tem inveja, critica e destrói tudo o que o artista constrói, pois é incapaz de construir por si próprio. Apropria-se do que é do outro. E, a mulher, que representa a dúvida entre a conquista material inescrupulosa e a solidariedade, bem precioso para a humanidade.

Artista - (dá um grito de angústia) Ahhhhhiiiiii!!!

(a mulher começa a se maquiar; o crítico observa atentamente o artista e começa a escrever em sua máquina)

Artista

(analisando suas obras) É terrível! (pausa) é preciso sair daqui (começa a jogar obras pelo chão) ultrapassar, renovar...libertar-me! Todas essas formas gastas, vazias...Tudo é mesquinho e fragmentário... a arte!!! (pausa) a vida ... a arte... a vida... é... é....

(cai e se contorce todo)

crítico – (para a mulher) que diabo terá acontecido a esse palhaço para gritar e se agitar dessa maneira?

(**mulher**, sem se virar)

- Ora...é apenas um homem pobre, artista... um coitado! quer renovar-se e não tem onde cair morto... Tenho pena dele, mas nada posso fazer. Sou uma mulher muito ocupada. é verdade, muito ocupada. não posso perder tempo.

o crítico

- Coisa estranha... um artista?!? Não, não é possível! há vinte anos que eu estudo esse fenômeno maravilhoso e eu não reconheço nesse homem nenhuma arte.

(observa com muita curiosidade o artista)

Esse homem é um doido!, um agente de publicidade, ou melhor, apenas um homem do povo! Diz ele que quer renovar-se, mas a criação artística é uma coisa serena...A obra de arte faz-se por si, no silêncio e no recolhimento, com a mesma naturalidade de um pássaro quando canta...

(volta e vai consultar seus livros)

Cantora (Entra uma cantora e canta para o artista, no intuito de ajudá-lo a se recuperar)

mulher

Então, se sabe como faz, porque é que não lhe ensina??? Pobre artista!!

Crítico – (amarra as mãos do artista e levanta-o como uma marionete, manipulando-o, jogando-o.)

Crítico

Minha senhora... há séculos que nós, os críticos, ensinamos aos artistas como se deve fazer uma obra de arte, mas eles não nos escutam... são idiotas!

(a mulher ri - o crítico fica parado, olhando-a)

Mulher – e o senhor... já fez alguma obra de arte?

Crítico – eu??? Está louca?? Nunca!!!

Mulher – e então, sabe como se faz e nunca fez! Por outras palavras, é neutro! (ri maliciosamente) Não deve Ter nenhum interesse na cama. (continua a se maquiar e se arrumar)

Cantora (canta outra canção)

(fecha luz no **artista**)

Me ajuda, meu Deus, me ajuda!! Eu sei que posso conseguir, mas não tenho forças! (sonhador) Ahhh... eletrizar as multidões... incendiá-las... dominá-las! a glória meu Deus, a glória!!!!

Mulher – pobrezinho... e tudo isto por não Ter dinheiro...

Artista - sinto-me ferido... (vê a mulher) – uma mulher!!! sim, uma mulher!!! quem sabe, uma mulher... as mulheres são todas sublimes, meigas e inteligentes. Uma mulher é o que falta! Saberá compreender-me! (chama) mulher... mulher... mulher, venha... preciso de você! não responde? Por piedade!

(o **artista** vira-se desolado e vê o crítico) o senhor, o senhor... o senhor que é um homem, como eu, ouça-me...

crítico – vamos devagar, alto lá... é preciso distinguir: eu não sou igual a você. sou um homem culto, um crítico, não sou da sua classe. Ponha-se no seu lugar!. Você sim, é um homem qualquer, um simples artista, um escravo e por isto mesmo erra, não sendo capaz de reconhecer a si próprio. Em você, a natureza é o caos.

(o artista cai, morrendo. A mulher corre, coloca a cabeça dele sobre o colo e acaricia seus cabelos)

mulher - meu Deus! Esse pobre artista vai morrer!

Artista – minha senhora... obrigado! o amor... sim, talvez o amor... como a senhora é bela... escute... (tosse, geme) se soubesse como é terrível a luta sem amor... quero amar, entende? quero amar!!

Mulher - sim meu amigo, compreendo- o, mas agora não tenho tempo. Tenho que ir a uma festa. Vou encontrar pessoas muito importantes por lá. Você entende, não é? São políticos, empresários... devo apressar-me. Não posso deixa-los esperando.

crítico (analisando seus livros) que se passa? Eu não percebo nada!!

Mulher – cale-se imbecil!! o senhor nunca há de perceber nada! ande, eu estou atrasada! Ajude-me a levantá-lo, ele está sufocando... o senhor não está ouvindo?

Crítico – (pesquisando nos livros, sem olhar a mulher) um momento! Hegel, Kant, Hartmann, Spinoza, Freud... onde está???

Mulher – mexa-se. Venha ajudar-me! ele é somente um simples homem do povo, não oferece perigo! É um artista, que morre de ideal.

Crítico (aproxima-se cauteloso) mas nunca se sabe... homens do povo – hummmm! artistas, hummmm... são impulsivos... passionais... são indivíduos sem controle, sem cultura... em suma: prefiro-os mortos!!

(deixa cair a caneta sobre o corpo do artista, que se contorce e morre. O crítico vai até o barril de sangue e lava as mãos.)

mulher - (horrorizada, pega a caneta e grita) – idiota!! Assassino!! Matou-o!! Tens as mãos vermelhas de sangue!!

Crítico -eu!!! o que está a dizer? não compreendo... as mãos vermelhas? vermelhas? a senhora sofre de daltonismo?

Mulher – basta! basta! É tarde. Tenho de ir-me embora. Já disse que tenho um compromisso urgente. Pobre rapaz! Era simpático! tinha uma bonita figura! (cobre o rosto do artista e sai)

Crítico – (aproxima-se e olha demoradamente para o artista morto) - cada vez entendo menos...Deus do céu! Está morto! O homem do povo - artista... enfim, morreu!! (respira fundo e solta o ar) – Ahhhhhhhh! agora eu posso respirar!!!!

(enlouquecido, começa a procurar um livro e não acha -grita):

- a estética, onde está a estética??

(encontra um livro enorme)

- aqui está ela!!

(aproxima-se do artista, escrevendo em um caderno)

cerca de 1915, viveu no Brasil um homem do povo, honrado, era um grande e genial artista...

(tira do bolso uma fita métrica e, como um “papa defunto” começa a medir o corpo do artista)

- E como todos os grandes artistas, tinha... um metro e cinquenta e cinco de altura... e de largura...

(ópera)